

**'PELA LUZ DOS OLHOS TEUS': UMA AUTOETNOGRAFIA PERSPECTIVISTA SOBRE
DEFICIÊNCIA E APRENDIZADO DA PERCEPÇÃO**

***'By the light of thine eyes': a perspectivist autoethnography on disability
and perception learning***

***'Por la luz de tus ojos': una autoetnografía perspectivista sobre la
discapacidad y el aprendizaje perceptivo***

Ceres Karam Brum

Professora Titular do Departamento de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Maria

E-mail: cereskb@terra.com.br

Áltera, João Pessoa, Número 16, 2024, e01615, p. 1-28

ISSN 2447-9837



RESUMO:

Este artigo apresenta alguns resultados dos diálogos que venho realizando entre a antropologia da educação (sobretudo na seara de uma antropologia da aprendizagem) e a antropologia da percepção, com o objetivo de entender como se configura a percepção visual em pessoas com nistagmo e visão monocular. Nesta autoetnografia, reflito a respeito da minha experiência como deficiente visual, analisando a percepção em uma perspectiva ecológica e fenomenológica como um processo educacional do aprendizado situacional de estar no mundo. A análise sobre a deficiência e percepção que pretendo realizar dialoga com a noção de deficiência como modo de vida (Diniz, 2007; Mello, 2019) e com o perspectivismo de Viveiros de Castro (2018), propondo uma abordagem que investe no entendimento da diferença como modo de vida perspectivado pela deficiência.

PALAVRAS-CHAVE:

Percepção. Autoetnografia. Perspectivismo. Aprendizagem.

ABSTRACT:

This article presents some results of the dialogues I have been carrying out between the Anthropology of Education (especially in the area of an anthropology of learning) and the Anthropology of Perception, with the aim of understanding how visual perception is configured in people with nystagmus and monocular vision. In this autoethnography I reflect on my experience as a visually impaired person, analyzing perception from an ecological and phenomenological perspective as an educational process of situational learning about being in the world. The analysis of disability and perception that I intend to carry out dialogues with the notion of disability as a way of life (Diniz, 2007; Mello, 2019) and with the perspective of Viveiros de Castro (2018), proposing an approach that invests in understanding difference as a way of life viewed by disability.

KEYWORDS:

Perception. Autoethnography. Perspectivism. Learning.

RESUMEN:

Este artículo presenta algunos resultados de los diálogos que vengo realizando entre la Antropología de la Educación (especialmente en el ámbito de una antropología del aprendizaje) y la Antropología de la Percepción, con el objetivo de comprender cómo se configura la percepción visual en personas con nistagmo y visión monocular. En esta autoetnografía reflexiono sobre mi experiencia como persona con discapacidad visual, analizando la percepción desde una perspectiva ecológica y fenomenológica como proceso educativo de aprendizaje situacional del estar en el mundo. El análisis sobre discapacidad y percepción que pretendo realizar dialoga con la noción de discapacidad como forma de vida (Diniz, 2007; Mello, 2019) y con el perspectivismo de Viveiros de Castro (2018), proponiendo un enfoque que invierte en entendiendo la diferencia como una forma de vida pensada por la discapacidad.

PALABRAS CLAVE:

Percepción. Autoetnografía. Perspectivismo. Aprendizaje.



CONSIDERAÇÕES INICIAIS

“Não se deve jamais atualizar o mundo tal como exprimido nos olhos alheios” nos ensina Eduardo Viveiros de Castro (2018, p. 231), ao discorrer sobre a mensagem do perspectivismo ameríndio. Entendo que essa máxima é também válida para a compreensão da percepção. A percepção que tenho do mundo, que construo a partir dos meus olhos e demais sentidos, é algo tão particular como o timbre da voz que exprime as notas da canção que os ouvidos me concedem perceber. Olhos e ouvidos e os demais sentidos não estão fragmentados, embora desde Descartes haja uma tendência na ciência de relacionar, como critica Tim Ingold, a visão à objetividade e a audição a uma gama de subjetividades (Ingold, 2008, p. 10).

Ouso dizer que canto com os olhos, não apenas porque eles se movem involuntariamente quando canto, mas também porque a música me invade, e sinto as suas vibrações pulsando nas minhas pálpebras, no fundo dos meus olhos, no corpo todo. É o corpo todo que canta. Com a percepção é também assim.

Se a visão é, por um lado, particular e perspectivada, “o olho que vê é o meu olho”, que encontra o teu olhar. Ela é igualmente construída social e culturalmente e se relaciona não apenas a um aparato biológico previamente dado. Ela acontece porque estou no mundo, sou um corpo em movimento, como nos ensina Gibson (2015). Porque estou em contato com os outros seres humanos e não humanos, tentando estabelecer relações recíprocas através dos olhares que se cruzam e que “trocamos”.

Ao abordar o perspectivismo visual e suas subjetivações, pretendo investir em uma análise que valorize a reciprocidade visual, porque estamos em relação a partir de nossos olhos; trocando olhares, sendo vistos e julgados pela forma como observamos. Enxergar, para mim, é estar no mundo e ser interpelada em diferentes níveis. É uma experiência única de educação dos sentidos.

A AUTOETNOGRAFIA COMO PROCESSO EDUCATIVO E LUGAR DE FALA

Minhas inquietações com relação à percepção visual acompanham o meu percurso de vida, pois nasci com nistagmo, visão monocular e baixa visão. Minha decisão de pesquisar a respeito da percepção me remete a duas experiências complementares. A primeira ocorreu em 2018, após uma cirurgia de catarata e a experiência com lentes de contato, que me permitiram pela primeira vez trocar olhares. A segunda experiência se relaciona com o impacto da oposição ao Proje-



to de Lei Amália Barros, efetuada por parte da Associação Brasileira de Antropologia (ABA). Tal projeto propunha o reconhecimento da visão monocular como deficiência visual, o que acabou ocorrendo em março de 2021, com a promulgação da Lei nº 14.126, de 22 de março de 2021, e do Decreto nº 10.654, de 22 de março de 2021.

Tal experiência me instigou a refletir sobre a invisibilização da visão monocular como deficiência visual e sobre a visibilidade e o estigma suscitados pelo nistagmo. Entendi que tinha chegado o momento de tentar entender a percepção visual através da fenomenologia da minha experiência, utilizando a antropologia como lugar para refletir sobre a percepção.

Como percurso metodológico e narrativo, escolhi a autoetnografia, investindo na noção de lugar de fala (Ribeiro, 2019, p. 85), pois entendo que a minha experiência me confere um *lócus* privilegiado para reflexão.

Não se trata de afirmar que deficientes são os únicos autorizados a falar sobre deficiência, mas de reconhecer que suas experiências podem ser mais bem compreendidas a partir dos relatos de quem vivencia cotidianamente os estigmas que dela decorrem. Assumir meu lugar de corpo que fala da experiência da percepção visual é assumir meu posicionamento ativo na construção do conhecimento sobre o que significa perceber. Por isso, a autoetnografia se justifica como dimensão metodológica e narrativa:

La autoetnografía es un acercamiento a la investigación y la escritura que busca describir y analizar sistemáticamente (grafía) experiencias personales (auto) para entender la experiencia cultural (etno). Esta perspectiva reta las formas canónicas de hacer investigación y de representar a los otros, pues considera la investigación como un acto político, socialmente justo y socialmente consciente. El investigador usa principios de autobiografía y de etnografía para escribir autoetnografía. Por ello, como método, la autoetnografía es ambas: proceso y producto (Ellis, 2019, p. 18).

É esse “estranhamento do estranhamento” metodológico, no que se refere à etnografia, que me conduziu à autoetnografia e a suas dimensões autobiográficas de incorporação do vivido, como dado preponderante em seu potencial educativo. Se, por um lado, a autoetnografia valoriza a dimensão biográfica do pesquisador/ator como caminho para o estudo da cultura, ela também abre as portas, como descrição para incrementar a produção de uma antropologia como filosofia do humano (Ingold, 2018, p. 13), que comunica diversas dimensões do vivido e que tem dimensões educativas.

Um elemento importante em investigações que se utilizam da autoetnografia é a vinculação ou o engajamento do pesquisador nos processos em que o vivido se converte como fonte e elemento-chave para a tessitura da escrita. A particularidade



desta autoetnografia é de uma situação de vulnerabilidade que acompanha um percurso de vida, tais como na autoetnografia de Gama (2020), que remete à esclerose múltipla, e à de Mello (2019), com a surdez.

Tais autoetnografias apresentam amplas dimensões educativas, porque ensinam a dialogar com o modo de estar no mundo das autoras e os aprendizados desse processo, ao colocar em comunicação experiências culturais que se aproximam, em termos de deficiência e vulnerabilidade, conforme sugiro em Brum (2021, p. 159). Para Lave (2015, p. 40), em uma perspectiva da antropologia da aprendizagem, o aprendizado ocorre na vida prática, envolvendo corpo e mente. Assim, as autoetnografias expressam aprendizados que se cingem ao universo situacional vivenciado e relatado pelas autoras. Tais estudos nos ensinam, por sua vez, sobre a subjetividade de suas experiências com relação aos múltiplos significados de viver a deficiência como modo de vida em um mundo capacitista e estigmatizador.

PERCEPÇÃO VISUAL E RECIPROCIDADE

Vinícius de Moraes, Tom Jobim e Miúcha celebrizaram na canção “Pela luz dos olhos teus” o encontro do olhar e sua magia. A melodia sugere a doçura da troca de olhares, e o encantamento que esta produz. Cantar essa canção me transporta ao universo do olhar alheio e de seu aprisionamento.

Seres humanos olham diretamente nos olhos. Trocam olhares e sinais. Fixar o olhar não é apenas um exercício humano de objetivação e identificação. É uma maneira de contato e percepção do outro e de sua interpretação. O encontro do olhar é diretamente relacionado à visão e à sua magia. Para o pintor Paul Klee, citado por Merleau-Ponty (2014, p. 35), “A visão é o encontro, é como uma encruzilhada de todos os aspectos do ser”.

A troca de olhares e o fixar (focar) não são evidentemente uma particularidade humana. Em não humanos, como os felinos, esse sinal de reciprocidade não é amigável. É sabido que gatos não olham nos olhos. Daí se dizer que gatos são falsos e traiçoeiros – porque não fixam o olhar.

O problema, no entanto, é bem mais complexo. Relaciona-se a incapacidade de percepção do outro, de outras espécies, e de entender a sua forma de perceber o mundo. Viveiros de Castro (2018) menciona as diferenças do olhar e da percepção entre as espécies, ao discorrer sobre o perspectivismo ameríndio no artigo “O medo dos outros”. Para o autor,



[...] ter olhos diferentes não significa ver ‘as mesmas coisas’ de ‘modos’ diferentes; significa que você não sabe o que o outro está vendo quando ele ‘diz’ que está vendo a mesma coisa que você. Nós não entendemos as *sucuris*. Trata-se de um problema não de ‘sinonímia’, mas de ‘homonímia’ perceptiva (Viveiros de Castro, 2011, p. 897).

Seguindo as reflexões do autor, a atribuição de significação da falsidade do não olhar se deve à nossa incapacidade de percepção dos seus códigos visuais. Devemos olhar nos olhos dos outros quando falamos. Caso contrário, somos taxados de pouco verdadeiros, não confiáveis. Falsos como os gatos! Somos ensinados a desconfiar das pessoas que não olham nos olhos, ao longo de nossas vidas. É possível, nessa perspectiva, pensar em uma educação do olhar. Somos “condicionados” à correta forma de olhar em diferentes situações sociais.

O problema colocado pelo autor como o cerne do perspectivismo ameríndio (Viveiros de Castro, 2011, p. 899) está na atribuição e valoração de uma percepção que cega e anula as demais espécies, por sua incapacidade de compreensão recíproca. O olho, como órgão motor da percepção de cada espécie, revela aparências enganosas, gerando o medo dos outros.

O que acontece com aqueles humanos que não conseguem focar e fixar os olhos nos olhos do seu interlocutor? Eles não atingem a reciprocidade do olhar, não percebem a luz dos olhos dos outros? Pessoas com nistagmo têm essa particularidade visual. Uma peculiaridade de percepção em que o foco é “diferente” dos olhos ditos “normais”. Somos percebidos por olhares que não conseguimos perceber, focalizados como diferentes, sem foco. Passamos ao lado das trocas de olhares ou nos excedemos e tentamos fixar “demais” o olhar, pela dificuldade de percepção da magia da troca de olhares:

Para que os seres humanos vejam um objeto de maneira ideal, a imagem do objeto deve ser mantida estável na região foveal da retina. Ao interromper a fixação estável, o nistagmo degrada a visão. Além disso, se a imagem do objeto for movida da fóvea para a retina periférica, ela será vista com menos clareza. Na verdade, os sintomas visuais causados pelo nistagmo geralmente se correlacionam com a velocidade da fase lenta do nistagmo, a extensão do deslocamento da imagem do objeto da fóvea e, no caso do nistagmo congênito, a duração do período de foveação em que a imagem do alvo é relativamente estacionária na área foveal (Biousse et al., 2004, p. 314, tradução nossa).

Quando temos nistagmo, somos facilmente reconhecidas pela expressão dos nossos olhos, que se movem involuntariamente em diferentes direções, conforme o tipo de nistagmo. Nossos olhos literalmente dançam, mas a música que os faz dançar é desconhecida. O nistagmo é considerado como uma imperfeição física. Ao longo da minha vida, o entendi como uma limitação visual, e um estigma que me



identifica e com o qual precisei aprender a viver. Se aqui afirmo a visibilidade patente do nistagmo para os que nos veem, a consciência do nistagmo e da impressão causada por seus movimentos é menos clara.

Acredito que nossa forma de perceber o mundo é mediada pela dificuldade de foco que temos, determinando nossa forma de olhar. O perspectivismo talvez, igualmente, possa se configurar em uma maneira de pensar a deficiência como estilo de vida, como já referi anteriormente. O que me incita a argumentar a respeito de um perspectivismo visual com relação ao nistagmo está para além da diminuição da acuidade visual, muito frequentemente relacionada a ele. Trata-se da dificuldade de reciprocidade visual, gerada pela dificuldade de foco. Em um mundo em que trocamos olhares, como ponto de partida para cada interação social, isso me parece extremamente relevante. A forma como percebemos o mundo e o construímos se calca em relações assimétricas nos processos de reciprocidade visual, conforme refere Jean, do Ceará, em um dos áudios enviados ao grupo WhatsApp Nistagmo, a respeito da vida com nistagmo:

[...] às vezes você está conversando com alguém, geralmente o pessoal do sul, que é o pessoal que tem olho claro, azul e gosta de olhar dentro dos olhos, e aí você bate, aquela, tipo assim, falta um pouco de percepção, entendeu? Então você se curva, você baixa a cabeça e tal porque a pessoa quer encarar você de frente e percebe que, como o olho dança, então é um pouco complicado falar sobre isso (Fonte: Acervo da autora. Áudio captado em 6 ago. 2021).

Jean aborda a dificuldade de foco nas interações, em que se exige olhar nos olhos diretamente. Seu relato me convida a refletir sobre a relação entre a dificuldade de foco decorrente do nistagmo como uma questão física, que nos impede de olhar diretamente nos olhos dos outros, e a significação dessa dificuldade de falar da experiência dos olhos com nistagmo. Em suma, uma dificuldade de aceitação de nossa diferença visual que nos limita nas interações sociais. Jean afirma que “falta um pouco de percepção”.

Ingold (2008), em “Pare, olhe, escute: visão, audição e movimento humano”, aborda o problema da percepção se contrapondo à antropologia das emoções. Segundo ele, esta relaciona os sentidos à sua diferença e valorização em termos culturais, sem se preocupar com o problema de sua fragmentação na construção da percepção. Para o autor, a percepção se constrói como um todo, um corpo no mundo em movimento. Ingold apresenta a visão e a audição como intercambiáveis e complementares na construção da percepção:

O problema da percepção, então, diz respeito a como algo pode ser traduzido, ou ‘atravessar’ de fora pra dentro, do macrocosmo do mundo para o microcosmo da mente. É por isso que a percepção visual e a auricular são



descritas, usualmente, nos escritos dos filósofos e dos psicólogos, como processos de ver e ouvir. A visão começa no ponto em que a luz entra nos olhos do perceptor estacionário e a audição no ponto em que o som atinge os ouvidos – na interface, em resumo, entre fora e dentro. [...] Em quê, então, consiste, essa atividade? Não em abrir os olhos, já que eles estão abertos de qualquer modo; nem em abrir os ouvidos, já que eles não podem ser fechados a não ser tapando-os com os dedos. Consiste, antes, em um tipo de esquadramento de movimentos, realizado pelo corpo todo – ainda que de um local fixo – e na qual os dois procuram por, e respondem às modulações ou inclinações no ambiente ao qual está sintonizado. Como tal, a percepção não é uma operação ‘dentro-da-cabeça’, executada sobre o material bruto das sensações, mas ocorre em circuitos que perpassam as fronteiras entre cérebro, corpo e mundo (Ingold, 2008, p. 2).

Há uma diferença na perspectiva de abordagem da ótica cartesiana inspiradora da oftalmologia tradicional e a explicação a respeito da percepção no mundo, apresentada por Ingold. Eu me relaciono com o mundo em que estou inserida não apenas através dos meus olhos, mas a partir do corpo todo. Há dimensões perceptivas e educativas nesse processo a serem destacadas. Ingold (2008), ao analisar a experiência de Hull, reflete sobre a construção da percepção de cegos e surdos e a particularidade de suas experiências. Recupero sua análise para tentar “passar a experiência” de perceber o mundo como deficiente visual:

Pessoas cegas e surdas, como quaisquer outras, sentem o mundo com todo o seu corpo e, como todas as outras também, elas têm que lidar com os recursos a elas disponíveis. Mas os seus recursos são mais limitados, e para isso não há compensação alguma. A vida da pessoa cega, como sustenta John Hull, é experienciada como intacta, apesar do campo de ação ter-se tornado menor de diversos modos’. Não é como um bolo redondo do qual uma fatia substancial tenha sido cortada. É mais como um bolo menor (Ingold, 2008, p. 72).

No entanto, somos educados, a partir das sucessivas visitas aos nossos oftalmologistas, a aceitar nossa capacidade e forma de enxergar enquanto acuidade visual reduzida, que mensura nossa existência em graus traduzidos em óculos, lentes, lupas, prismas. De alguma forma, somos classificados pela falta e fragmentados em porções, postos em relação a um paradigma no qual o olho “normal” é o que importa. O fato de possuímos acuidade visual fora dos padrões nos coloca em uma situação de “perceber apenas fragmentos do mundo real”, quando em verdade o percebemos através de uma outra totalidade que é perspectivada pela deficiência.

Somos jogados para fora do universo dos normais e dos *capazes*. A visão, nessa perspectiva, é detentora de uma objetividade e a norteadora de uma classificação a que me contraponho. Quando temos nistagmo, entre outros problemas visuais, o que tem sido expresso nos diagnósticos médicos reporta à fisiologia visual. Não há uma preocupação em entender como nos relacionamos com o



mundo, no sentido das interações e, tampouco, em pensar os olhos com relação ao resto do corpo a partir dos seus movimentos.

Ouso sugerir a necessidade de pensarmos o nistagmo como uma forma de perspectivação do mundo de quem o vivencia. Uma totalidade que proporciona um modo de vida singular às pessoas que têm nistagmo. Trata-se de estar em contato com o mundo e com outrem sem a ocorrência da troca de olhares, sem focar nos olhos do interlocutor, porque nossos olhos se movimentam sem que possamos controlá-los. Interagir em um mundo regido pela normatividade do “olho no olho” é um desafio diário de aprendizagem.

A PERCEPÇÃO VISUAL E O MOVIMENTO

Santos e Mesquita (1991, p. 161), em “O debate contemporâneo sobre percepção visual”, mostram que as concepções clássicas, guardadas suas particularidades, ensinam que sua elaboração é indireta, e que elas se baseiam na imagem retiniana, como base para a percepção. Para as teorias contemporâneas, a percepção é direta. Tais abordagens valorizam o movimento:

No âmbito da ecologia da percepção visual, é concedida uma importância particular a duas fontes de informação: aos gradientes de textura, cor, luminosidade, e relação entre as diferentes texturas no meio (entre as que caracterizam os objetos e entre essas e o terreno e o horizonte de visão), e ao movimento dos sujeitos e dos objetos. [...] Numa perspectiva ecológica, percepção e ação são indissociáveis, cada tipo de movimento tem um padrão específico de fluxo; por exemplo, expansão ou contração dos elementos de textura com a aproximação ou afastamento, movimento a velocidade variável quando o sujeito se desloca paralelamente ao meio observado (Santos; Mesquita, 1991, p. 161).

A ecologia da percepção visual contribui para as reflexões sobre a antropologia da percepção e os diálogos que esta suscita. Para Csordas (2008, p. 102 e 107), a percepção se constitui a partir da corporalidade. Ela parte dessa base existencial e fenomenológica que é o corpo no mundo. Csordas dialoga com Merleau-Ponty para justificar a constituição da corporalidade como paradigma e delimitar o campo de atuação de uma antropologia da percepção, interpretando seus ensinamentos através da ruptura da relação sujeito-objeto na construção da percepção, valorizando o corpo em suas práticas (Csordas, 2008, p. 108). É dessa abertura da antropologia à fenomenologia e à ecologia, valorizando a vida do corpo que habita o mundo, em movimento, que a antropologia da percepção se beneficia; de uma necessária passagem da compreensão da visão para o entendimento dos processos de constituição da percepção como ato contínuo.



A ECOLOGIA DA PERCEPÇÃO DE JAMES GIBSON

James Gibson nos propõe, na introdução de seu livro *The ecological approach to visual perception* (2015), uma forma alternativa de entender a construção da percepção, valorizando a relação com o mundo e seu movimento. Sua proposta de engajamento na percepção do mundo me remete à valorização da minha experiência visual e corporal. Por isso, escrever sobre a assimetria entre o que vejo e a representação que o meu olhar suscita me parece importante.

O exercício do olhar, para mim, engloba a ideia de movimento, do nistagmo e do deslocamento no mundo. Para o entendimento da percepção, Gibson parte da relação dos animais com o seu habitat, da superfície em que se movem, do posicionamento dos olhos. Em suma, ele apresenta uma perspectiva ecológica que toca no entendimento alargado das relações que se estabelecem para que a percepção visual ocorra. Nessa perspectiva, ele formula um vocabulário para nos familiarizar com os termos da ótica ecológica. Um deles é a definição de sistema visual:

O sistema visual se distingue do sentido visual, da modalidade de experiência visual e do canal de entradas visuais. É uma hierarquia de órgãos e funções, a retina e seus neurônios, o olho com seus músculos e ajuste, os olhos duplos que se movem na cabeça, a cabeça que gira nos ombros e o corpo que se move ao redor do habitat. Os nervos, tratos e centros do cérebro que são necessários para a visão não são considerados como a 'sede' da visão (Gibson, 2015, p. 296, tradução nossa).

Da noção de sistema visual como ponto de partida para a percepção, vale destacar que ela sublinha a importância da sua integralidade, no processo de construção da percepção, rechaçando o cérebro como sede da visão, mas parte integrante desse sistema. A ideia de movimento do corpo, do posicionamento dos olhos no rosto e do sistema binocular “nos humanos” é também muito importante. Gibson (2015, p. 194) esclarece que a percepção é relativa à possibilidade biológica do animal, suas necessidades de vida, no seu ambiente. O processo perceptivo se relaciona ao movimento – a cabeça que se move, os olhos, o próprio corpo. A percepção se constrói paulatinamente, porque haverá sempre espaços ocultos por nosso lugar no mundo, por nosso corpo, por móveis, imóveis, etc. A revelação da sucessão da percepção me leva ao processo em si: como o sistema perceptivo é acionado, ou melhor, como é estimulado e como ocorre.

Gibson (2015, p. 141) se contrapõe à ideia de estímulo como convite abrupto que coloca os olhos em funcionamento, a partir da retina como uma lente de captação. Para ele, a unidade da percepção se sobrepõe às sensações esparsas



de um dado estímulo, o que quer dizer que a percepção é totalizante, não fragmentada. É englobadora e não uma mera resposta sensorial a um estímulo dado. Nesse sentido, ele desconstrói a artificialidade da percepção, como nas situações laboratoriais, mencionados acima por Santos e Mesquita (1991) e a recoloca no mundo real, em que se habita.

Ao encarar a percepção como um ato complexo, uma conquista, um ato de atenção, para além de um reflexo a estímulos dados, captados pela retina e processados pelo cérebro, Gibson alarga seu entendimento. Ele enfoca a percepção como direta. Ela ocorre no mundo, pela interação ecológica que com ele efetuamos. É nesse sentido que ele entende o diálogo entre os sentidos na construção da percepção, quando se permanece em um ambiente (Gibson, 2015, p. 198). Além de ser direta, porque se dá pelo contato com o mundo em que se está imerso, a percepção transcende a própria mediação de um dos sentidos, apostando em sua complementaridade e intercambialidade. É por isso que as ideias de movimento, do deslocamento no ambiente e do próprio movimento do olhar são necessárias para se perceber.

É nesse sentido que Gibson prescinde da própria noção de estimulação visual ou outras formas de estímulos constantes para a construção da percepção. A ideia parece extraordinariamente simples: nossa percepção se dá pelo “diálogo” que o nosso corpo como um todo estabelece com as situações da vida. Olhos escaneiam o mundo, unidos ao corpo como um todo, ao que Merleau-Ponty (1964) acrescentaria a ideia de imersão, de ser visto pelo mundo que nos engloba.

A percepção se relaciona às nossas disponibilidades biológicas e suas *affordances*. Gibson (2015, p. 186) também destaca a perenidade da percepção como um processo, desconstruindo o presentismo e a valorização da distância, na abordagem tradicional da percepção. Ao romper com o imediatismo, e ultrapassar as fronteiras entre memória e imaginação, Gibson se aproxima das discussões de Merleau-Ponty (2014), no que concerne aos lapsos temporais e à relação entre o preceptor e o seu ambiente.

A medição da distância a que podemos enxergar como relevante à percepção pode ser significativa para determinadas habilidades, como dirigir um carro, para pilotos de avião, para atividades de precisão como o tiro; no cinema, na televisão e no computador (em escalas menores). A utilização da ampliação da capacidade visual com instrumentos óticos, quando existe essa possibilidade, é reveladora do investimento que se faz para bem enxergar, para além de olhar, como visualizar (ver/vista), como quando olhamos o horizonte ou o mar que se junta ao céu azul.



Para entender a relação entre o ambiente e o perceptor, no que concerne à copercepção (do perceptor com relação ao ambiente no seu entorno), a autopercepção e o deslocamento, Gibson nos convida a percorrer os caminhos da observação. A relação entre a sincronia e a diacronia da percepção colocaria em diálogo as memórias da percepção e sua capacidade de armazenamento, nas experiências individuais. É como se soubéssemos que já vimos aquilo, ao passar por aquele caminho; sabemos que havia uma árvore ali. Assim, as experiências individuais passadas se mesclam com a própria ideia de objetividade do que foi visto. Isso autoriza a inferir que, para Gibson, o processo perceptivo não é imediato, intuitivo e objetivo. Ele é construído ao longo do percurso de vida, sendo perspectivado pela fenomenologia de nossa existência.

Importante ainda a equiparação na teoria ecológica da percepção do *self* e do ambiente, no seu diálogo para a construção da percepção, que se assemelha à ideia de observação na antropologia e sua perenidade. Trata-se de um investimento no entendimento do mundo a partir da percepção que construímos, a seu respeito, ao longo dos nossos percursos.

Uma das particularidades da abordagem de Gibson é o reconhecimento do ambiente ecológico e suas possibilidades para a construção da percepção, na relação com o corpo em movimento, na cabeça onde estão situados os olhos. Por isso, sua *affordances theory* é importante para o entendimento da percepção visual:

Agora sugiro que o que percebemos quando olhamos para os objetos são suas possibilidades, não suas qualidades. Podemos discriminar as dimensões da diferença se for necessário fazê-lo em um experimento, mas o que o objeto nos oferece é no que normalmente prestamos atenção. A combinação especial de qualidades pelas quais um objeto pode ser analisado normalmente não é notada (Gibson, 2015, p. 126, tradução nossa).

Quando vemos um objeto, para Gibson, não se trata inicialmente da qualidade de formas, cores, textura. Percebemos a disponibilidade do objeto, o que ele pode nos propiciar. Quando estou correndo em uma pista ou em um espaço à beira de praia, participo desse espaço com ciclistas, pedestres, animais, etc. Posso ver a uma dada distância, bem mais reduzida, obviamente, do que alguém que possui uma acuidade visual considerada “normal”. Vejo frontalmente com o olho esquerdo, o que me permite uma certa segurança visual, de correr, sem me chocar com obstáculos; são as possibilidades de perceber sua ausência e alguma memória que tenho disso, de como se configura uma pista, e que é improvável que me depare com uma porta fechada, por exemplo. Não é necessário ver a uma distância enorme, mas estar atenta ao que se abre ao longo do caminho, principalmente



à direita, por causa da visão monocular. É o olho esquerdo que tem que enxergar também à direita. O meu corpo, ao longo dos anos, calcula uma distância para que eu não me choque à direita.

Considero a percepção de cheiros e texturas como fundamentais nesse processo. Ao correr ou caminhar, é preciso reconhecer a possibilidade de sustentação do meu corpo pelo terreno, sua densidade. Isso não se dá apenas pela visão, mas pelo tocar no solo com os pés e sentir (o tato), pela resistência do vento no rosto, a intensidade do sol. A possibilidade de deslocamento que um terreno seco oferece é diversa daquele que está úmido ou molhado. Se mudo o rumo e passo a correr na água, tenho uma outra possibilidade de corrida.

É isso que a percepção me revela quando, em um parque, começa a nevar. A possibilidade dos flocos de neve que se acumulam me fazem perceber que houve uma transformação de possibilidades, como naqueles momentos de final de tarde em que, de repente, a noite cai, e não é mais possível enxergar sem uma luz artificial, que vai gerar novas possibilidades de percepção. De alguma forma, a experiência de nadar em uma piscina pode também ser pensada nessa perspectiva, das possibilidades, das características do alcance da visão na água, diferente de enxergar através do ar. A percepção se desenvolve a partir do movimento corporal, da cabeça e dos olhos, daí a importância que Gibson atribui aos movimentos oculares no processo perceptivo:

Olhar ao redor e olhar são atos que naturalmente andam juntos, mas podem ser estudados separadamente. Na verdade, olhar foi estudado quase exclusivamente por fisiologistas visuais. O que eles registraram e mediram são os chamados movimentos dos olhos relativos à cabeça. A cabeça é geralmente fixa em um aparelho. Os olhos podem então examinar uma tela de algum tipo dentro do campo de visão da cabeça, da estação, um padrão de pontos luminosos no escuro, ou uma linha de impressão em uma página ou uma imagem. Os olhos giram em pulos rápidos de uma fixação para outra, que são chamados de movimentos sacádicos. Em termos da teoria da imagem retinal, a fóvea de cada retina é movida de modo que uma imagem do 'objeto de interesse' particular cai no ponto retinal de maior acuidade onde os receptores, os cones, são mais densamente compactados. A fóvea corresponde ao 'centro de visão mais nítida'. Os detalhes finos da imagem ótica são considerados mais bem 'resolvidos' na fóvea (Gibson, 2015, p. 199, tradução nossa).

Para Gibson, os movimentos oculares são parte integrante da psicologia da percepção. Mas ele faz uma diferença importante entre o olhar e o olhar ao redor para a construção da percepção, embora ressalte que ambos "andem juntos". O olhar é da ordem da fixação, do enxergar, observar. Para o olho, o olhar ao redor é como um radar que se move, Tateando, descobrindo, desvelando o mundo que o corpo descobre, por onde passa em diferentes velocidades.



Se é verdadeiro que estamos diante de uma pluralidade de formas, das quais olhar e olhar ao redor são modalidades, há a necessidade de tratá-las e entendê-las diferentemente, porque a atividade humana não requer a todo momento o exercício da fixação. Talvez por isso Gibson insista que a fixação é de uma ordem “mais artificial”, que deve fazer parte do entendimento do movimento. Para ele:

A fixação prolongada dos olhos em um ‘objeto ou parte de um objeto’, o trazer da sua imagem para a fóvea e mantê-la lá, não ocorre na vida. Isso é um trabalho de arte, provocado quando um experimentador diz a um observador que olhe para um ‘ponto de fixação’ que geralmente não tem interesse para ele. Ninguém olha em um ponto fixo no mundo por muito tempo. O olho nunca está literalmente fixo (Gibson, 2015, p. 205, tradução nossa).

A fixação, nesse sentido, seria uma das “habilidades do olho”, não uma norma na construção da percepção. Ao classificar os movimentos dos olhos, ele se refere ao nistagmo (Gibson, 2017, p. 200-201 e p. 204), mas curiosamente o trata a partir da artificialidade de experimentos que o geram, e o relaciona com questões vestibulares. Não elenca ou classifica o nistagmo e nada comenta a respeito do nistagmo congênito. No entanto, quando trata das questões relativas ao papel da fóvea na realização da fixação da imagem, sua abordagem, aparentemente, não se choca com a perspectiva adotada por uma fisiologia visual, quando pensamos no nistagmo como movimento ocular involuntário e compensatório que dificulta o foco, comprometendo a nitidez da imagem. Ao que parece, Gibson ou desconhece questões relativas às particularidades do nistagmo em relação à fixação (o que me parece improvável) ou desconsidera necessário o controle do nistagmo para a percepção visual, embora o relacione às questões vestibulares que remetem ao equilíbrio humano (Gibson, 2017, p. 201). Para os estudos da percepção, o nistagmo não parece relevante, como o é para os estudos sobre visão.

MAURICE MERLEAU-PONTY E A ABORDAGEM FENOMENOLÓGICA DA PERCEPÇÃO

Entendo que o que está sendo questionado, tanto pela ecologia da percepção como pela fenomenologia, é a relação do ser com o mundo no processo perceptivo, como também demonstra Merleau-Ponty, quando nos diz, na *Fenomenologia da percepção*, que “a percepção é a iniciação ao mundo” (1999, p. 346). Somos apresentados ao mundo pela percepção. Mas o mundo já está lá, nos precede; e para sermos iniciados, precisamos nos colocar em relação com ele. Para essa iniciação, ele nos leva muito além dos olhos. Somos atravessados na percepção pelo mundo.



O que Merleau-Ponty recupera é a experiência de estar no mundo, de uma forma radical. Quando olhamos para algo, a visão parte dos olhos, porque eles nos permitem ver o que está na nossa frente. Merleau-Ponty nos mostra que estamos imersos, para além de sermos detentores da possibilidade de perceber à nossa frente. Na *Fenomenologia da percepção*, ele esclarece o processo perceptivo, rompendo com o que denomino de monopólio de ver do olho. Porque a percepção se dá no tempo e no espaço, eles coexistem simultaneamente ao ato de ver. O objeto igualmente existe para ser percebido. Estamos em relação, em uma lógica de justaposição e coexistência, em que o tempo e o espaço são contemporâneos:

Quando digo que vejo um objeto à distância, quero dizer que já o possuo ou que ainda o possuo, ele está no futuro e no passado ao mesmo tempo em que no espaço. Dir-se-á talvez que ele só está ali para mim: em si a lâmpada que percebo existe ao mesmo tempo em que eu, a distância está entre objetos simultâneos, e essa simultaneidade está incluída no próprio sentido da percepção. Sem dúvida. Mas a coexistência, que com efeito define o espaço, não é alheia ao tempo, ela é a pertença de dois fenômenos à mesma vaga temporal. Quanto à relação entre o objeto percebido e minha percepção, ela não os liga no espaço e fora do tempo: eles são contemporâneos. A 'ordem dos coexistentes' não pode ser separada da 'ordem dos sucessivos', ou antes o tempo não é apenas a consciência de uma sucessão. A percepção me dá um 'campo de presença' no sentido amplo, que se estende segundo duas dimensões: a dimensão aqui-ali e a dimensão passado-presente-futuro. A segunda permite compreender a primeira. Eu 'posso', eu 'tenho' o objeto distante sem posição explícita da perspectiva espacial (grandeza e forma aparentes), assim como 'ainda tenho em mãos' o passado próximo sem nenhuma deformação, sem 'recordação' interposta (Merleau-Ponty, 1999, p. 357-358).

O campo de presença da percepção dá a ideia do sentido espacial e temporal que ele enfatiza. Mas esse campo é também transitório e dinâmico. Há uma relação de pertencimento e aprisionamento nesse processo, porque quem percebe está no mesmo mundo de quem é percebido (a dimensão existencial do sujeito e do objeto é simultânea). Se eu posso ver, aprisiono com o olhar, capto o instante – possuo. Assim, a ideia de uma relação imediata de ver, acrescida da noção de temporalidade e espacialidade, do corpo no mundo, em relação ao sujeito que percebe, é acrescida da dinâmica, quando o autor analisa o fenômeno do movimento e da percepção (Merleau-Ponty, 1999, p. 370).

Captar o instante em que se dá a percepção, a partir do movimento de deslocamento, implica para além do congelamento da imagem na retina. Para Merleau-Ponty, a ideia de integrar a dinâmica do movimento à percepção significa ultrapassar a própria ideia de pontos de vista diferentes, ligando a complementariedade nesse deslocamento do olhar (Merleau-Ponty, 1999, p. 441).

A construção da percepção da coisa e do mundo não pode ser feita se-



paradamente, porque estas são partes de uma mesma realidade existencial; e a visão binocular não pode ser comparada à sobreposição de imagens monoculares. Merleau-Ponty aposta na supressão da descontinuidade da percepção, propondo a integração da imagem percebida, para a realização do visto. Embora se possa ter as impressões de ver a coisa e ver o mundo em separado, na verdade, elas fazem parte de um mesmo processo contínuo.

Em suma, tanto para Gibson quanto para Merleau-Ponty, o movimento ocupa lugar de destaque, na construção do entendimento sobre a percepção. Ela é direta e remete a estar no mundo, também em movimento. Experiencio cotidianamente a visão e a percepção com nistagmo e a visão monocular. Um diálogo que descentra a relação entre o olho e o cérebro, como o que efetuei com os dois autores, é extremamente relevante para compreender a relação que estabeleço com o mundo, do qual faço parte, e como o percebo, porque relativiza a ideia da potência do olho com relação ao corpo no mundo onde habito. E, principalmente, porque me convida a entender os movimentos oculares como imprescindíveis à percepção.

Se nossos olhos que dançam são mal interpretados em termos de reciprocidade visual, o mundo em que vivemos não se reduz a ela. Movimentos e as transformações visuais são parte constitutiva da percepção. É preciso dizer ainda que são os movimentos que a perspectivam. Talvez a mesma ordem de movimentos que nos singularizam quando temos nistagmo.

AS LENTES DE CONTATO E A RECIPROCIDADE VISUAL

Mas... quando temos nistagmo, há um esforço na busca do seu controle. É uma demanda que apresentamos para melhor enxergarmos e também por questões estéticas. O nistagmo é algo que a medicina tradicional considera incurável. Controlá-lo é um desafio de uma vida inteira, uma experiência de aprendizagem, como referi acima.

Minha busca para uma interlocução a respeito da percepção visual com o nistagmo e a visão monocular encontra-se em curso. Foi no domínio da fisiologia visual que encontrei uma abertura, apesar das tantas críticas efetuadas a respeito da fragmentação do corpo e da especialização em que se constitui a oftalmologia. Isso ocorreu concomitantemente ao entendimento que aflorou das trocas entre a fenomenologia da minha experiência e os autores e situações com que tenho dialogado, na minha vida.

Perdas progressivas da visão e a impossibilidade de tratamento por meu



médico de mais de vinte anos me conduziram a uma especialista em baixa visão. Cheguei, como de costume, no consultório médico cansada e resignada com o próximo capítulo da minha história visual. Preparada para mais uma vez discutir meu diagnóstico, passar pelos testes habituais, sentir a dor da dilatação das pupilas e o estabelecimento de suas conexões com as memórias longínquas dos consultórios médicos na infância e do rosto da minha mãe.

Os oftalmologistas que me acompanharam consideram o nistagmo como intratável e o disfarçavam com óculos. A médica me propôs a utilização de lentes de contato na tentativa de neutralizá-lo como foco preponderante do tratamento. No seu consultório, pela primeira vez, fiz um teste com lentes de contato. Senti um pequeno incômodo com a colocação e, logo depois, uma sensação estranha de ver texturas que jamais havia visualizado.

Alguns estudos acerca do nistagmo, como os de Biousse et al. (2004) e Blekher et al. (1998, p. 115), apontam o seu “controle” como uma saída para uma melhora da visão. Experiências com óculos, botox, lentes de contato, terapias oculares (como as empregadas pela neurovisão) e acupuntura se inscrevem nessa perspectiva. Biousse et al. (2004) apresentam os resultados de sua pesquisa, analisando a experiência com quatro pacientes com nistagmo congênito que utilizaram lentes de contato:

O tratamento do nistagmo é limitado. Alguns estudos sugerem que o uso de lentes de contato melhora a função visual de pacientes com nistagmo congênito, embora os efeitos das lentes de contato sobre o nistagmo permaneçam debatidos, e poucos neurologistas ofereçam esse tratamento a seus pacientes. É possível que as lentes de contato possam corrigir o erro refrativo de um paciente melhor do que óculos. Na verdade, a lente de contato se move com o olho, portanto, o paciente olha ao longo do eixo visual da lente de correção por uma proporção muito maior do tempo do que com os óculos. As lentes de contato proporcionam uma fixação mais contínua do que os óculos, reduzindo a aberração esférica e cromática, juntamente com o efeito prismático. Além disso, as lentes de contato geram vergência adicional e esforço acomodativo, os quais diminuem o nistagmo congênito em alguns pacientes. Também foi sugerido que o uso de lentes de contato pode amortecer o nistagmo, diminuindo a amplitude e a frequência do nistagmo. Esse fenômeno pode ser devido ao *feedback* sensorial do movimento da borda da lente contra as bordas e dentro das pálpebras, conforme os olhos oscilam (mediados por aferências do trigêmeo). Esse efeito não parece estar relacionado à massa da lente (Biousse et al., 2004, p. 314, tradução nossa).

Um balanço de ambos os estudos aponta perspectivas promissoras, mas não há um consenso a respeito do controle do nistagmo congênito, do ponto de vista da efetiva diminuição dos movimentos que o peculiarizam. Suas origens são desconhecidas e, igualmente, há uma grande variabilidade de situações de adap-



tação do paciente. O que chama atenção, na utilização das lentes de contato, é a reduzida prescrição que os autores apontam por parte dos neurologistas – ao que eu acrescentaria os oftalmologistas.

Costumo pensar no dia em que recebi minhas lentes como aquele em que ganhei novos olhos. Eu estava evidentemente ansiosa para ver se o ocorrido nos testes com as lentes iria se confirmar. A médica abriu a “caixinha mágica das lentes” e as colocou delicadamente nos meus olhos. Pisquei e quando reabri os olhos enxerguei seu rosto. Seus olhos encontraram os meus. Eu havia pela primeira vez fixado o olhar; as lentes permitiam enxergar os olhos do interlocutor.

O seu rosto à minha frente me pareceu de uma beleza descomunal, com seus olhos castanhos. Eu encontrei o seu sorriso. Ao olhar nos seus olhos, percebi que conseguia olhar no fundo, fixar sem desviar. Lembro da sensação de que tudo estava vivo, pulsante; como se antes eu houvesse apenas visualizado superfícies que se ampliavam com os óculos, mas cujos volume e texturas não percebia. Ingold (2008), ao abordar a experiência de pessoas que recuperaram a visão ou a audição, dialoga com alguns relatos:

Sob todas as condições normais, afirma Zuckerkandl, esse tipo de percepção é obscurecida pela visão comum dos objetos e ressurgente somente durante raros momentos de êxtase, quando a fronteira entre o perceptor e o mundo parece dissolver-se. Mas para o bebê recém-nascido, abrindo os olhos diante do mundo pela primeira vez, ou para uma pessoa antes cega, cuja visão foi recuperada graças a um procedimento médico, a experiência deve ser deslumbrante. Como escreveu William James, com reconhecimento a Condillac: ‘A primeira vez que vemos luz... nós a somos ao invés de a vermos’ [...]. Luz – ou ‘Eu posso ver’, que é uma outra maneira de dizer a mesma coisa – é, nessa situação, essencialmente, uma experiência de ser. Lhde nota que as primeiras impressões de um cego, ao recuperar a visão, são muitas vezes parecidas com aquelas da audição: o paciente ‘está impressionado com aquilo que podemos chamar de ‘fluxo e fluência’ (Ingold, 2008, p. 68).

A experiência com as lentes de contato me mostrou um mundo que eu desconhecia, porque foi apenas nesse momento de vida, logo depois de completar 50 anos, que experienciei “o foco”. Uma transformação do olhar foi o que senti com a sobreposição das lentes nos meus olhos. Mas a adaptação das lentes de contato em pessoas com baixa visão e visão monocular é um desafio, que abrange a sua colocação e cuidados para que a adaptação seja possível. O médico e o paciente têm papéis determinantes nesse processo. Trata-se de uma experiência de aprendizado de largas dimensões.

A colocação das lentes é um processo muito delicado que exige precisão e sensibilidade tática e visual, algo muito desafiador para quem tem baixa visão. As lentes são côncavas e transparentes e, ao estarem mergulhadas, são invisíveis.



Apenas com o reflexo é possível perceber que estão lá. O processo de colocação se inicia com a aplicação do colírio em ambos os olhos, para lubrificá-los e, a seguir, se ajustarem as lentes. Abre-se a caixinha. Ela vem com um espelho, pinça com ponta de silicone, um frasco para armazenar o líquido de limpeza e um estojo com repartições redondas, com a indicação de direito e esquerdo, onde repousam as lentes. Para colocá-las, é preciso o uso de óculos. Após lavar bem as mãos, em frente a um espelho de aumento, sobre uma bandeja forrada com toalha e com uma caixa de lenço de papel ao lado, abre-se a caixinha e o estojo e, com a ponta do dedo direito, se pega a lente esquerda, que se cola a ele.

A seguir, a lente é transferida à ponta do dedo indicador esquerdo, que deve estar bem seco. Abre-se o olho esquerdo, com os dedos da outra mão, posicionados em forma de pinça-caranguejo, e se coloca a lente, após retirar, obviamente, os óculos. O mesmo processo é repetido com a lente direita, já sem necessidade de óculos. Isso porque, com a lente esquerda já colocada, é possível perceber mais facilmente a lente direita que repousa no líquido. Quando a lente toca o olho, adere a ele e faz um barulhinho, um “clic” particular. Os olhos devem estar lubrificados, e se deve piscar com muita frequência para que eles se mantenham úmidos e as lentes continuem confortáveis. Meu processo de adaptação foi lento e progressivo.

As semanas que seguiram foram de intensas descobertas. Situações muito relevantes, do ponto de vista da diferença de percepção, começaram a ocorrer. Eu achava todo mundo bonito, porque conseguia perceber a textura da pele, o volume e a profundidade nunca antes experienciados. As pessoas tinham mais expressão e rugas, inclusive eu!

Mas a colocação das lentes e seu cotidiano continuaram sendo um desafio constante de aprendizado. No princípio, eu sentia medo de tocar nos olhos para colocá-las, receio de perdê-las, de machucar o olho, de não conseguir retirar. Havia ainda a escolha do lugar para guardá-las, a necessidade de um espelho de aumento e de toda uma assepsia para sua manipulação, líquidos de limpeza e colírios que repousam em um verdadeiro altar – que permite, ao colocar as lentes, uma passagem ao mundo em que vejo melhor.

O meu aprendizado da colocação foi concomitante ao de permanecer com as lentes, aprender a conviver com alguns incômodos e distinguir quando estes poderiam ser patológicos, como as alergias e lesões nas córneas ou uma pequena sujeira na lente que poderia ser facilmente eliminada com a troca de líquido de limpeza. Essa descoberta maravilhosa de transformação foi comemorada, mas terminou prematuramente, com uma séria lesão nas duas córneas, após alguns meses de uso.



Anos depois, entendi que as lesões estavam relacionadas ao tipo de lente que utilizei naquela primeira experiência – lentes anuais, feitas sob medida para os meus olhos, mas que têm uma oxigenação inferior às lentes mensais e às “one day”, que são genéricas.

O processo de retirada das lentes de contato dos olhos é igualmente delicado, porque elas são de silicone e se movem muito. No começo do tratamento, passei semanas inteiras até que meus dedos memorizassem a sua textura. Foi um aprendizado lento, para o qual eu não estava preparada, e que ocasionou, por duas vezes, a perda da lente direita.

Minha hipótese é de que vivi com as lentes de contato uma experiência de transformação da percepção visual, para além da ampliação propiciada pelos óculos. Experimentei, como milhares de outros deficientes que encontram soluções biomédicas para o seu caso, uma melhora. Para mim, ela significou uma outra ordem de percepção visual. Um mundo com mais cores e texturas. Uma experiência profunda de reciprocidade visual.

A experiência com as lentes de contato, que se acoplam aos olhos como se fossem olhos que se sobrepõem, não me abriu apenas uma nova possibilidade de ampliação e melhoria da acuidade visual. Ela me propiciou novas possibilidades corporais, para além daquelas que havia experimentado. É como se as lentes me permitissem penetrar no mundo de outra maneira. Isso não tem a ver com uma experiência de ampliação. Talvez tenha a ver com a nova possibilidade de foco e o controle do nistagmo, conforme destacam Biousse et al. (2004) ao receberem o *feedback* dos pacientes que participaram de seu estudo:

O uso de lentes de contato melhorou a qualidade de vida de nossos pacientes. Na verdade, o questionário VFQ-25, que avalia a qualidade de vida dos pacientes com base em sua função visual, melhorou em todos os pacientes. Todos os nossos pacientes preferiram lentes de contato apenas aos óculos. Todos sentiram que a autoconfiança em suas funções visuais melhorou com as lentes de contato. Todos enfatizaram um melhor desempenho no trabalho, durante as interações com um grupo (como durante o ensino) ou ao dirigir com suas lentes de contato colocadas. A explicação deles variou de ‘Sinto que posso ver melhor’ a ‘Pareço melhor sem meus óculos’, sugerindo um importante efeito placebo das lentes de contato. Na verdade, é bem conhecido que a acuidade visual de pacientes com nistagmo congênito flutua tanto com o estado mental (nível de atenção, excitação ou ansiedade) quanto com a tarefa visual. Portanto, aumentar a confiança de pacientes com nistagmo congênito pode ter um impacto significativo em sua qualidade de vida. Em nosso estudo, os registros do movimento dos olhos mostraram que as lentes de contato não tiveram nenhum ou, no máximo, um efeito moderado sobre o próprio nistagmo. Foi sugerido que as lentes de contato podem umedecer o próprio nistagmo, mas isso não foi observado em três de nossos quatro pacientes (Biousse et al., 2004, p. 315, tradução nossa).



Com as lentes, adquiri o poder de olhar nos olhos dos outros – o que é real e mágico. Da minha parte, as lentes me revelaram um novo sentido visual na percepção de cores e texturas, na forma dos rostos e suas expressões, que antes eu não percebia. Recebi com elas a imaginação e as tintas a que se refere Merleau-Ponty (2019, p. 59), com que pintei o novo quadro da minha vida – e do qual a reciprocidade visual passou a fazer parte.

Ingold (2008) menciona a relação que estabelecemos com o rosto, através do relato de Hill: “Para ele, o rosto não é uma máscara, mas está intimamente ligado com a vida e a identidade do eu como o está com a voz. E de todos os componentes do rosto, os mais reveladores, e o alvo da nossa maior atenção e fascinação, são os olhos” (Ingold, 2008, p. 75).

Talvez por essa razão, pelo fascínio de poder ver e focar nos olhos, de perceber o rosto das pessoas, sinto que as lentes de contato se configuraram para além de uma experiência de acoplamento. Vivi uma transformação do olhar porque, como na imaginação de Merleau-Ponty, as lentes me permitem focar e enfim encontrar a luz dos olhos, experimentando a reciprocidade visual. Nesse sentido, Ingold, citando Merleau-Ponty e Berger, escreve a respeito das diferenças entre rosto e voz:

Se existe uma diferença crucial entre o rosto e a voz, não é tanto que um é visto e o outro é ouvido, mas que você pode ouvir sua própria voz ao passo que não pode ver seu próprio rosto. ‘Vivo na expressão facial do outro’, escreve Merleau-Ponty, ‘como o sinto vivendo na minha’ [...]. Disso se origina o que John Berger chama ‘a natureza recíproca da visão’ – uma reciprocidade que é ainda mais fundamental, na visão de Berger, do que a do diálogo falado. Pois no contato olho-a-olho, escreve ele, ‘o olho do outro combina com o nosso próprio olho para fazer crível que somos partes do mundo visível’ (Ingold, 2008, p. 76).

A experiência de ver o próprio rosto, para quem tem baixa visão, é reveladora dos limites e particularidades dessa modalidade visual. No entanto, a natureza recíproca da troca de olhares e do reconhecimento é de uma outra ordem. Há algo de mágico no encontro e na troca de olhares, porque nos coloca em conexão e identidade com um mundo visível, sobretudo quando essa experiência é conquistada tardiamente, como no meu caso.

Ricoeur (2006, p. 239), ao analisar os paradoxos do reconhecimento mútuo, efetua uma reflexão acerca da reciprocidade a partir do ensaio sobre a dádiva de Mauss (2003). Para ele, as obrigações de dar, receber e retribuir (enquanto exercício de reciprocidade) se constituem como uma alternativa a essa ideia de reconhecimento e de seu percurso. Em termos de reciprocidade visual, a partir da minha experiência com lentes de contato, entendo a possibilidade da realização da troca de olhares como uma chave para o entendimento de reconhecimento



mútuo. O que desejo sugerir é que a realização da alteridade para quem tem nistagmo encontra na reciprocidade visual um importante *lócus* de consecução. Reconhecer é poder ver e ser visto, mutuamente.

Anahi Guedes de Mello (2019, p. 76-77), em sua autoetnografia ciborgue, quando analisa seu implante coclear, reflete sobre a experiência de reabilitação como forma de subjetivação e seus limites em termos da deficiência. Para ela, a deficiência é construída subjetivamente na pessoa, sendo perpassada por muitos conflitos, dentre os quais a normatividade, como uma forma pela qual o sujeito se constrói.

Foi com as lentes que efetivamente aprendi o significado da reciprocidade visual, porque a experimentei. Talvez alguém que recuperou a audição pudesse efetuar um registro nesse sentido. Por se ter acrescido uma possibilidade dessa natureza ao meu corpo deficiente, a troca de olhares foi a mais importante conquista da minha vida; eu passei a existir de uma outra forma. A aproximação com a normatividade, a que se refere Mello, produziu subjetivações e conflitos, aqui significados como o encantamento de olhar nos olhos e a decepção por não poder dar continuidade ao uso das lentes. A experiência com as lentes de contato me leva também a pensar com Donna Haraway (1991, apud WEID, 2015, p. 953) no corpo ciborgue, representado pelos artefatos que, acoplados ao corpo, permitem que se escrevam novos textos sociais e corporais.

No processo de retirada das lentes, há algo impactante: tenho a impressão de que, sem as lentes, há uma parte dos meus olhos que coloco para dormir. A fina membrana de silicone leva consigo uma parte de mim e seus poderes; essa sensação real me conecta a um conjunto de aprendizados e a esse novo modo ciborgue de ser – a Ceres com lentes de contato que é capaz de trocar olhares, e a Ceres sem lentes, que continua a existir e a perceber o mundo como antes, acrescida da recordação, de poder olhar nos olhos. Trata-se de uma percepção vivida, registrada, de sua memória enquanto referência, como mencionado por Gibson e Merleau-Ponty, e que passa a fazer parte da minha percepção de mundo.

Se os estudos neurológicos e oftalmológicos demonstram que o nistagmo não é controlável, quem sou eu para os contrariar. Nesse sentido, seria melhor refazer essa frase para dizer que as lentes dialogam com o movimento dos meus olhos, de uma maneira mais carinhosa e próxima do que os óculos, porque elas estão ali, “coladas” a eles. Olhos que dançam, como os meus, ainda não têm “cura”. Quem se importa com isso, quando ela é inacessível? O que foi possível para mim foi viver com mais conforto. Encontrei nas lentes o ritmo que meus olhos precisavam para dançar melhor!¹

¹Cabe esclarecer ao leitor que a experiência relatada neste texto com o uso das lentes de contato ocorreu entre os meses de junho e novembro de 2018. Eram lentes de contato anuais e que foram



CONSIDERAÇÕES FINAIS: O APRENDIZADO DA PERCEPÇÃO, A EDUCAÇÃO DO OLHAR E SUA DOMESTICAÇÃO

Para finalizar este texto, desejo retomar o entendimento da percepção como um fenômeno de amplas dimensões, e os decorrentes aprendizados que, entendo, o habitar o mundo implica. Ingold (2013), em *Marcher avec les dragons*, ao refletir a respeito da dimensão ocupada pela genética e pelo paradigma evolucionista na biologia contemporânea, discute os aprendizados de caminhar e andar de bicicleta como produtos culturais a serem pensados a partir da antropologia ecológica da percepção:

No entanto, essa é uma diferença de grau mais que de natureza. Enquanto a caminhada é inata no sentido – e somente no sentido – de que sob certas condições necessariamente surge durante o desenvolvimento, o mesmo princípio se aplica ao ciclismo. E se a prática do ciclismo é adquirida no sentido de que seu surgimento depende de um processo de apêndice entrelaçado em contextos de interação social, o mesmo princípio se aplica à caminhada. Em outras palavras, é tão errado supor que a capacidade de andar de bicicleta é ‘dada’ exogenamente (independente do organismo humano) quanto assumir que a caminhada é ‘dada’ endogenamente (independentemente do ambiente). As habilidades de caminhar e andar de bicicleta surgem nos contextos relacionais do envolvimento das crianças em seu ambiente e, portanto, são propriedades do sistema de desenvolvimento constituído por seus relacionamentos (Ingold, 2013, p. 61, tradução nossa).

O caminho para compreender por que, mesmo com muita dificuldade, aprendi a desenvolver determinadas habilidades ao longo da minha existência começava a se apresentar por uma via que nunca foi abordada pelos oftalmologistas que se ocuparam do meu caso: o aprendizado, as situações vividas, para além de uma “natureza” classificada como deficiente. Apesar de uma certa inaptidão (digamos inata), as oportunidades de aprendizado que vivenciei, porque tive acesso a elas, embora não fossem recomendadas para uma criança com as minhas peculiaridades, foram determinantes para minha inserção no mundo.

Rememorar a rapidez com a qual aprendi a me equilibrar para andar de bicicleta e os arranhões que tive me remete a uma anedota familiar da minha irmã, que, ao ganhar também sua bicicleta, demorou um mês para se equilibrar em duas rodas. Porém, ela jamais caiu ou teve um arranhão que seja, em qualquer

confeccionadas especialmente para os meus olhos. Na época, a experiência foi interrompida em razão de uma séria lesão nas duas córneas. Em abril de 2023, reiniciei uma nova experiência com lentes de contato *one day*. São lentes genéricas e descartáveis que praticamente não oferecem risco de contaminação e cuja relação custo-benefício tem sido bastante boa, com relação às lentes anuais. Em valores atuais, um par de lentes de contato para uso anual custa R\$ 7.000,00. Lentes *one day* para um ano têm o valor de R\$ 4.740,00. Adquiri as lentes no consultório dos médicos oftalmologistas em ambos os casos. Há um comércio na internet muito desenvolvido para as lentes de contato de vários tipos, o que é desaconselhado pelos médicos.



parte do seu corpo. Falar sobre o desenvolvimento desses aprendizados na infância, vividos por duas crianças diferentes, tem aqui o desejo de ilustrar a subjetividade da percepção, seu perspectivismo e individuação, nas relações que cada um de nós estabelecemos com o mundo. Trata-se de formas de aprender bem demarcadas.

Há ainda, no meu caso de aprendizado, uma outra questão concernente ao alcance do nistagmo, para além das questões da acuidade visual a que este é muito frequentemente reduzido. Isso me remete ao universo da percepção e aos movimentos realizados para sua consecução, como decorrência do seu aprendizado, como no caso do equilibrar-se, como reflete Ingold (2013, p. 63) a respeito da aquisição de equilíbrio para andar de bicicleta, que não se perde.

A difícil faculdade de desenvolver o equilíbrio para andar, para pedalar em duas rodas e para andar de patins, além da minha incapacidade de aprender a me equilibrar em um pé só desafiam o entendimento que tenho, não apenas das minhas aptidões visuais e sua acuidade, mas do próprio entendimento do equilíbrio e suas condições motoras, reportadas à minha condição bio-psicossocial. Se indelevelmente aprendi, pelas situações experienciadas na infância, determinadas habilidades e não outras, penso que, para além do aparato biológico e da apresentação e vivência situacional, há uma barreira colocada pela forma como entendemos que aprendemos e como o conhecimento se transmite. Esta se conecta à teoria cognitivista, para a qual a transmissão das informações se dá pelo acúmulo de representações mentais, como nos ensina Ingold (2008):

No cerne dessa abordagem está a teoria representacionalista do conhecimento, de acordo com a qual as pessoas partem do material bruto da sensação corporal para construir uma imagem interna de como é o mundo 'lá fora', com base em modelos ou esquemas recebidos por sua educação em uma tradição particular. A teoria depende de uma distinção fundamental entre dimensões físicas e culturais de percepção, segundo a qual as primeiras têm a ver com o registro de sensações pelo corpo e pelo cérebro, enquanto as últimas têm a ver com a construção de representações na mente. [...]. Ela não se preocupa, no fim das contas, com as variedades de experiência sensorial geradas no curso do envolvimento corporal prático das pessoas com o mundo ao seu redor, mas com o modo como essa experiência é ordenada e ganha significado dentro dos conceitos e das categorias de sua cultura (Ingold, 2008, p. 104).

Percebo, de uma forma geral, uma incompreensão na interpretação do nistagmo, pouco tratado como uma particularidade neurológica e enfatizado como uma limitação visual, pela forma como se expressa através do olhar. O nistagmo é ora reduzido à incapacidade de foco causada pelos movimentos dos olhos, acompanhado da busca por uma posição de cabeça para melhor neutralizá-lo; ora se classifica como a causa de um conjunto de outras ditas doenças oculares.



Se a minha incapacidade de equilíbrio se relaciona ao nistagmo e à visão monocular, igualmente o desejo de encontrar aquele no curso da vida me levou a me embrenhar em experiências várias e a me conformar com algumas limitações, sem tentar dialogar com elas para entendê-las, quando me pareceram intransponíveis (em alguns momentos ou para sempre). Recebi determinados “estímulos” para muito além dos visuais. Acredito que não estes explicam, porém, como consegui desenvolver determinadas habilidades e não outras.

Trata-se de uma percepção do mundo em que estou imersa, voltada a uma busca de condições, como possibilidades existenciais de locomoção, alimentação, repouso, prazer, etc.; daquilo como realmente enxergo, que caracteriza meu histórico médico e com o qual a oftalmologia me classifica. Para Ingold, isso significa *perceber com*: “Em suma, perceber o meio ambiente não é buscar as coisas que aí poderíamos encontrar, nem discernir suas formas solidificadas, mas uni-las no fluxo e nos movimentos materiais que contribuem para a sua e nossa formação” (Ingold, 2013, p. 269).

No curso da vida, seguindo seus fluxos e movimentos de altos e baixos com os meus olhos, ao começar a praticar pilates, descobri que o equilíbrio é fruto de um aprendizado lento e exigente, mas que é possível de ser adquirido. Se não é inato, qual é a diferença desse equilíbrio físico um dia adquirido do equilíbrio que o curso dos anos de vida nos trazem, quando aprendemos a nos nutrir e cuidar de nós mesmos? Talvez essa diferença não exista. Poderia referir a ela aqui como a experiência adquirida pelo exercício de uma educação da atenção no aprendizado da vida, que nos particulariza a cada um.

Ingold (2018, p. 9), de um ponto de vista da antropologia da aprendizagem, em *L’anthropologie comme éducation*, parte de um entendimento de que a educação exacerba os processos de transmissão de conhecimento. Ela é entendida como um processo, o de dar um sentido à sua vida com os outros, para além de uma percepção tradicional que identifica a pedagogia como a chave para o entendimento da educação e de seus problemas. A expressão “educação da atenção” remete à perspectiva de que o que faz a diferença entre dar um sentido à vida e simplesmente seguir seu curso é a atenção (Ingold, 2018, p. 33). A atenção possui uma dupla face: que educa, por nos expor a um mundo em formação e nos deixa entrar; e, também, em que a atenção é educada, por força das experiências vividas, dessa atividade prática. O princípio do hábito, como agência, implica riscos e imprevisibilidades, que levam à efetivação do aprendizado.

Entendo o nistagmo e a visão monocular como constitutivos da minha maneira de ver o mundo e de me perceber nele. Não é uma questão de ver mais ou



melhor. Trata-se de uma diferença de percepção. A diferença de perceber com o mundo tem dimensões educativas e remete a aprendizados situados, que se baseiam no desenvolvimento de habilidades. Para Ingold (2018, p. 57), eles correspondem ao desenvolvimento de *skills*, de capacidades desenvolvidas a partir de experiências concretas, com envolvimento ativo de quem aprende, cuja prática é premissa para o aprendizado. Gibson (2015, p. 245) afirmou uma vez que o aprendizado da percepção se dá pelo envolvimento do sujeito, em simultaneidade com a vida. “A gente continua a aprender a perceber enquanto a vida segue”. Acredito nisso!



REFERÊNCIAS

BIOUSSE, Vagner; TUSA, Richard; RUSSEL, Bryan; AZRAN, Michael; DAS, Vivian; SCHUBERT, Michael; WARD, Michael; NEWMAN, Newton, the use of contact lenses to treat visually symptomatic congenital nystagmus. **J Neurol Neurosurg Psychiatry**, v. 75, p. 314-316, 2004. DOI: 10.1136/jnnp.2003.010678.

BLEKHER, Taylor. Effects of acupuncture on foveation characteristics in congenital nystagmus. **Journal of Ophthalmology**, v. 82, p. 115-120, 1998. Disponível em: <https://bjo.bmj.com/content/bjophthalmol/82/2/115.full.pdf>. Acesso em: 18 jul. 2020.

BRASIL. **Lei nº 14.126, de 22 de março de 2021**. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/lei-n-14.126-de-22-de-marco-de-2021-309942029>. Acesso em: 19 mai. 2021.

_____. **Decreto nº 10.654, de 22 de março de 2021**. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil03/ato2019-2022/2021/decreto/D10654.htm>. Acesso em: 19 mai. 2021.

BRUM, Ceres Karam. **'Com os meus olhos'**: uma autoetnografia perspectivista da percepção visual com nistagmo e visão monocular. 2021. 171 p. Tese (Livre-docência) – Centro de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2021.

CSORDAS, Thomas. **Corpo, significado, cura**. Porto Alegre: EDUFRGS, 2008.

DINIZ, Debora. **O que é deficiência**. São Paulo: Brasiliense, 2007. Disponível em: <https://pedagogiafadba.files.wordpress.com/2013/03/texto-1-o-que-c3a9-defici-c3aancia.pdf>. Acesso em: 24 maio 2019.

ELLIS, Caroline.; ADAMS, Tony.; BOCHNER, Arthur. Autoetnografia: un panorama. In: CALVA, Silvia (org.). **Autoetnografía: una metodología cualitativa**. Universidad Autonoma de Águas Calientes: 2019. p. 17-42.

GAMA, Fabiene. A autoetnografia como método criativo: experimentações com a esclerose múltipla. **Anuário Antropológico**, Brasília, v. 45, n. 2, p. 188-208, 2020.

GIBSON, James. **The Ecological Approach to Visual Perception**. Suffolk: Tylor and Francis group, 2015.

INGOLD, Timothy. **L'anthropologie comme éducation**. Rennes: Presses Universitaires de Rennes, 2018.

_____. **Marcher avec les dragons**. Paris: Zones sensibles, 2013.

_____. Pare, olhe, escute! Visão, audição e movimento humano. Tradução: Ligia Maria Venturini Romão, Marcos Balieiro, Luisa Valentini, Eliseu Frank, Ana Leticia de Fiori e Rui Harayama. **Ponto Urbe**, São Paulo, v. 3, p. 1-53, 2008.

LAVE, Jean. Aprendizagem como/na prática. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, ano 21, n. 44, p. 37-47, 2015.

MELLO, Anahí Guedes de. **Olhar, (não) ouvir, escrever**: uma autoetnografia ciborgue. 2019. 184 p. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Universidade



Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **O olho e o espírito**. E-book, 1. edição. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

_____. **A fenomenologia da percepção**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. **Le visible et l'invisible**. Paris: Galimard, 1964.

RIBEIRO, Djamilia. **Lugar de fala**. São Paulo: Pólen, 2019.

RICOEUR, Paul. **Percursos do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

SANTOS, Jorge Almeida; MESQUITA, Artur. O debate contemporâneo sobre a percepção visual. **Análise Psicológica**, [s. l.] v. 2, n. 9, p. 157-169, 1991. Disponível em: https://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/2702/1/1991_2_157.pdf. Acesso em:

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **Metafísicas canibais**: elementos para uma antropologia pós-estrutural. São Paulo: UBU, 2018.

_____. O medo dos outros. **Revista de Antropologia**, São Paulo, v. 54, n. 2, p. 885-917, 2011. Disponível em: <http://www.biolingua.com/inuma/VIVEIROS%20DE%20CASTRO%202011%20%20medo%20dos%20outros.pdf>. Acesso em: 14 maio 2020.

WEID, Olívia von der. O corpo estendido de cegos: cognição, ambiente, acoplamentos. **Sociologia & Antropologia**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 3, p. 935-960, dez. 2015. Disponível em: https://revistappgsa.ifcs.ufri.br/wpcontent/uploads/2015/12/v5n03_12.pdf. Acesso em: 14 jan. 2020.

